

# **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: Discussões e Controvérsias**

**FERNANDES, Tânia** <sup>1</sup>

**GONÇALVES, Sueli Silva da**<sup>2</sup>

**GONÇALVES, Valdirene Polassi**<sup>3</sup>

**SILVA, Elaine Alves**<sup>4</sup>

**SILVA, Eliane Aparecida Rocha**<sup>5</sup>

**SILVA, Marinete Miranda da**<sup>6</sup>

## **RESUMO**

A avaliação é um dos meios no qual o educador verifica as situações de aprendizagem em que a criança se encontra, onde através do acompanhamento de suas atividades diárias, podem-se diagnosticar seus avanços e dificuldades. Através disso o professor deixa de ser aquele que passa as informações para virar quem, numa parceria com crianças e adolescentes, prepara todos para que elaborem seu conhecimento. Em vez de despejar conteúdos em frente à classe, ele agora pauta seu trabalho na construção do conhecimento. Nesse sentido, para que a avaliação sirva à aprendizagem é essencial conhecer cada aluno e suas necessidades. Assim, o professor poderá pensar em caminhos para que todos alcancem seus objetivos, contribuindo para a reflexão sobre o processo de aprendizagem dos alunos no contexto escolar. Para chegar a essa conclusão, o instrumento de coleta de dados que utilizei foi uma entrevista contendo questões abertas que foi entregue para uma amostra de quatro professores que atuam na 5<sup>o</sup> série de uma Escola pública de Juara. Para confrontar os dados coletados dos questionários, utilizei os referenciais teóricos para assim dar suporte a esta pesquisa.

**Palavras-chave:** - Avaliação - Aprendizagem Escolar

---

<sup>1</sup>Professora na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes. Email: thania\_fernandes@hotmail.com

<sup>2</sup>Técnico de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes. Email:motajuara@outlook.com

<sup>3</sup>Técnico de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes. Email: valdirene155@hotmail.com

<sup>4</sup>Professora na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes. Email: elhanya@hotmail.com

<sup>5</sup> Técnico de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira Moraes. Email:elianeapsrocha@gmail.com

<sup>6</sup> Técnico de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira Moraes. Email:Marinetymiranda@hotmail.com.

## **1.INTRODUÇÃO**

A avaliação é um ato pedagógico, é nela que o professor mostra as suas qualidades de educador na medida em que trabalha sempre com propósitos definidos em relação ao desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais dos alunos.

Atualmente a prática avaliativa é um dos grandes desafios presentes nas instituições e conseqüentemente, aos educadores.

A avaliação escolar é uma tarefa didática necessária e permanente no campo educacional, pois é através dela que o professor avalia a aprendizagem, dos seus alunos. O professor antes de aplicar uma avaliação escrita deve, portanto, conhecer o grau de aprendizagem de cada aluno, e não simplesmente aplicar uma prova para ver em que grau de aprendizagem e dificuldade eles se encontram.

Para Hoffmann (2003, p.41)

[...] O aluno constrói seu conhecimento na interação com o meio em que vive. Portanto depende das condições desse meio, da vivência de objetos e situações, para ultrapassar determinados estágios de desenvolvimento e ser capaz de estabelecer relações cada vez mais complexas e abstratas.

Os educadores buscam métodos diferenciados de avaliação da aprendizagem, porém em suas práticas ainda predomina a avaliação classificatória, que tem a função de apenas atribuir notas aos educando.

A avaliação é método usado em todas as instituições educativas e difere muito de cada profissional que a utiliza. Cabe ao educador buscar novas alternativas que avalie esse aluno em todas as dimensões, pois há muitos educando que apresentam desenvolvimento considerável em sala de aula e quando é submetido a uma prova, não consegue exteriorizar seu conhecimento. É nesse momento que o educador deve analisar qual o procedimento mais correto a utilizar para que não prejudique este aluno.

Nesse contexto, o método de se avaliar é de suma importância no processo de construção do conhecimento, o qual poderá enriquecer o fazer pedagógico, aproximando os professores de um pensar crítico e proporcionando aos educando o prazer de aprender.

Segundo Hoffmann (2003, p.60), “a avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, atenta ao seu momento no processo de construção do conhecimento”.

Com base nestas considerações desenvolvemos uma entrevista em uma escola da rede estadual de ensino, com o objetivo de verificar os instrumentos avaliativos usados pelos docentes que atuam na 5<sup>o</sup> série do Ensino Fundamental.

Para desenvolver a referida pesquisa selecionamos alguns aportes teóricos. Destacamos entre eles Luckesi (2005), que apresenta críticas para com o método de verificação, processo este de avaliar o educando, sob proposições de mudanças no sentido de torná-la mais viável e construtiva. Selecionamos também Perrrenoud (1999) que fala sobre a avaliação formativa, como um ato de avaliar contínuo e permanente. Já Hoffmam (2006) destaca a importância da avaliação diagnóstica, pois através desta o educador poderá rever suas práticas.

A presente pesquisa utilizou-se da abordagem qualitativa, contribuindo para a reflexão sobre o processo de aprendizagem dos alunos no contexto escolar. Onde o resultado da referida pesquisa nos mostrou que o método que

é predominante nas práticas dos docentes da escola pesquisada, ainda é obtido por meio de exames, mas não apenas como meio de classificação, e atribuição de notas e sim no sentido de utilização de mediação do conhecimento.

## **Cap. I - REPENSANDO A AVALIAÇÃO NA ESCOLA**

Avaliar vem do latim a + valere, que significa atribuir valor e mérito ao objeto em estudo. Portanto, avaliar é atribuir um juízo de valor sobre a propriedade de um processo para a aferição da qualidade do seu resultado, porém, a compreensão do processo de avaliação do processo ensino/aprendizagem tem sido pautada pela lógica da mensuração, isto é, associa-se o ato de avaliar ao de “medir” os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

A avaliação tem sido estudada desde o início do século XX, porém as duas primeiras décadas deste século, de acordo com Borba & Ferri apud Bloom (1975), foram marcadas pelo desenvolvimento de testes padronizados para medir as habilidades e aptidões dos alunos e influenciados, principalmente nos Estados Unidos, pelos estudos de Robert Thorndike apud Bloom(1975). A avaliação da aprendizagem passa a ter seus princípios e características no campo da Psicologia. Na qual esta descreve que conhecimentos, atitudes ou aptidões que os alunos adquiriram, ou seja, que objetivos do ensino que já atingiram num determinado ponto de percurso e que dificuldades estão tendo. As avaliações a que o professor procede enquadram-se em três grandes tipos: avaliação diagnóstica, formativa e somativa.

A avaliação diagnóstica pretende averiguar a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, é a que proporciona informações acerca das capacidades do aluno antes de iniciar um processo de ensino/aprendizagem.

A segunda é a avaliação formativa. Para Bloom, Hastings e Madaus (1975), a avaliação formativa visa informar o professor e o aluno sobre o rendimento da aprendizagem no decorrer das atividades escolares e a localização das deficiências na organização do ensino para possibilitar correção e recuperação.

Nas escolas de maneira geral, há grande preocupação com a nota ou conceito atribuído ao aluno. Ligada diretamente á aprovação ou reprovação dos alunos, a nota acaba se tornando um fim em si mesmo, ficando muito distanciada e sem relação com as situações de aprendizagem.

A avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução.

Já a função somativa tem como objetivo, segundo Miras e Solé apud Bloom (1996, p. 378) determinar o grau de domínio do aluno em uma área de aprendizagem, o que permite outorgar uma qualificação que, por sua vez, pode ser utilizada como um sinal de credibilidade da aprendizagem realizada. Pode ser chamada também de função creditativa. Também tem o propósito de classificar os alunos ao final de um período de aprendizagem, de acordo com os níveis de aproveitamento.

Nessa visão a avaliação serve apenas para julgar e classificar. A participação do aluno nesse processo é pequena e, muitas vezes, ele nem mesmo tem clareza do por que dos resultados obtidos; a nota chega como uma sentença, definindo seus destinos escolares e até seu destino fora da escola.

Não se pode pensar na avaliação apenas como ferramenta para aprovar ou reprovar, pelo contrário podemos utilizá-la como instrumento para ajudar o aluno a aprender, quando centrada nas atividades diárias em sala de aula.

Mas para que a mesma tenha um caráter diagnóstico e contínuo, é preciso tomar certos cuidados. Acompanhar as atividades que os alunos realizam, analisando seus avanços e dificuldades, vai ajudá-los a aprender e melhorar suas competências, mas não podemos transformar essas situações de sala em atribuições de notas e conceitos. Estabelecendo uma média, neste caso a mesma contínua sendo classificatória.

As crianças precisam de tempo para construir seu conhecimento, pois a aprendizagem é de natureza processual, estamos sempre aptos a aprender e desenvolver novas potencialidades, quem está aprendendo passa por um percurso de idas e vindas, vai processando as informações até que se tornam definitivas, até que surjam novos desafios e o processo contínuo, possibilitando novos conceitos.

Geralmente, quando um aluno não está aprendendo, algo não vai bem com o modo de ensinar, e quem precisa rever seu procedimento é o professor. Necessitamos avaliar para conhecer, com o objetivo fundamental de assegurar o progresso formativo dos que participam do processo educativo, principalmente de quem aprende, bem como de quem ensina.

Através da avaliação o professor obtém informações básicas onde estão concentradas as dificuldades dos alunos, a partir daí as atividades podem ser reprogramadas, para atingir as metas curriculares.

[...] Precisamos saber o que os alunos estão aprendendo e o modo como estão fazendo as estratégias de raciocínio, de argumentos de aplicação que utilizam. Precisamos saber se o que aprende está relacionado ao com o que ensinamos e de que modo podemos ensinar com formas que estimulem e potencializem suas próprias qualidades de aprendizagem: uma avaliação que

visse mais os aspectos em que o aluno vai obtendo êxito do que o que não sabe, ou ignora, ou esquece [...] (MÉNDEZ, 2002, p. 84).

Modificar a prática não significa abandonar de vez tudo aquilo que já faz parte da cultura escolar, mas procurar fazer algumas alterações de forma que o aluno possa interagir com o conhecimento. Cabe ao professor promover situações problemas, onde os mesmos darão opiniões, levantaram hipóteses. Para os alunos, é o momento de explicitar seus pontos de vistas e confrontar suas opiniões com as dos colegas.

É importante lembrar que a forma de aprendizagem escolar supõe organização, onde esta deve ser flexível, prevendo os diferentes momentos no trabalho com o conhecimento. Trata-se programar a entrada, a interação e sua apropriação com o conhecimento novo, o que não acontece de maneira linear, mas num constante movimento de idas e vindas.

Na entrada do novo, o contato com várias fontes, as explicações do professor, as discussões em grupo e outras atividades que permita o aluno a entender, localizar e relacionar informações, tirar conclusões e ampliar sua compreensão. Com isso o aluno estará se aprimorando de novos conteúdos e encontrando por si só, caminhos para se chegar à aprendizagem.

## **2. A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR**

A avaliação da aprendizagem escolar vem sendo objeto de constantes pesquisas e estudos. Evidencia que de imediato a prática educativa de que a avaliação da aprendizagem ganhou um espaço tão amplo nos processos de ensino que essa prática passou a ser direcionada por uma “pedagogia do exame”.

Ainda hoje, na escola brasileira, pública e particular, do ensino básico ao superior, praticamos exames escolares em vez de avaliação da aprendizagem, Luckesi (2003, p. 11) afirma:

Historicamente, passamos a denominar a prática de acompanhamento da avaliação da aprendizagem do educando de “Avaliação da aprendizagem escolar”, mas na verdade, continuamos a praticar “exames”.

O autor denomina essa prática como “pedagogia do exame”. Segundo ele esta se faz presente em nossas escolas. Podemos verificar algumas dessas práticas como o Exame Nacional do Ensino Médio – Enem, a “Provinha Brasil” e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – Sinaes (o “Provão”), e que, segundo ele, mais reforçam a cultura do exame do que a cultura da avaliação.

Onde o mais visível dessa prática está no ensino do terceiro ano do 2º grau, em que todas as atividades docentes e discentes estão voltadas para o treinamento de “resolver provas”, tendo em vista a preparação para o vestibular.

Embora o autor reconheça a utilidade e a necessidade dos exames nas situações que exigem classificação, como os concursos, para ele, a sala de aula é o lugar onde, em termos de avaliação, deveria predominar o diagnóstico como recurso de acompanhamento e reorientação da aprendizagem, em vez de predominarem os exames como recursos classificatórios (Luckesi, 2003, p. 47).

O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos. Os pais desejam que os filhos avancem nas séries da escolaridade, os professores utilizam permanentemente os procedimentos da avaliação como elementos motivadores dos estudantes, por meio da ameaça, os estudantes estão sempre na expectativa de virem a ser reprovados ou aprovados.

Normalmente os professores utilizam provas como instrumentos de ameaça e tortura prévia dos alunos, protestando ser um elemento motivador da aprendizagem. Quando o professor sente que seu trabalho não está surtindo o efeito esperado, anuncia a seus alunos que estudem ou caso contrário poderão se dar mal na prova. Essas e outras expressões demonstram o quanto o professor utiliza-se das provas como um fator negativo de motivação.

Portanto, o estudante deverá se dedicar aos estudos não porque os conteúdos são importantes, significativos e prazerosos de serem aprendidos, mas sim porque estão sendo ameaçados por uma prova, portanto o medo os levará a estudar.

Os professores elaboram suas provas são para “provar” os alunos e não para auxiliá-los na sua aprendizagem; por vezes, ou até em muitos casos, elaboraram provas para “reprovar” seus alunos. (LUCKESI, 2005, p.21).

Isso ocorre quando os professores elaboram questões sobre assuntos trabalhados com os alunos, porém com um nível de complexidade maior do que aquele que foi trabalhado, usando uma linguagem incompreensível para os alunos.

As notas se tornaram adoradas tanto pelo professor quanto pelos alunos, como se fosse uma divindade. O professor adora-as quando são baixas, para mostrar o seu poder. Por outro lado os alunos só se importam que sejam altas, pois precisa delas para passar, não importa se ela expressa ou não uma aprendizagem satisfatória.

Muitas vezes, as provas e exames são realizadas conforme o interesse do professor ou do sistema de ensino. Nem sempre se levam em consideração o que foi ensinado. Ela esta sendo usada mais do que uma oportunidade de aprendizagem, tem sido uma oportunidade de prova de resistência do aluno aos ataques do professor.

As notas são operadas como se nada tivessem a ver com a aprendizagem. As médias são médias entre números e expressões de aprendizagens bem sucedidas ou mal sucedidas.

Por sua vez, um professor que deseja ser um profissional competente, responsável e seguro de sua prática docente, que orienta as atividades de aprendizagem dos alunos colaborando com eles na construção/reconstrução do conhecimento, tenderá a encarar a avaliação como um processo orientador e interativo, como uma forma de diagnóstico dos avanços e dificuldades dos alunos e como indicador para o replanejamento de seu trabalho docente.

Nessa perspectiva, a avaliação ajuda o aluno a progredir na aprendizagem, ajuda o professor a aperfeiçoar sua prática pedagógica e a escola a reconstruir seu projeto pedagógico.

Avaliar não é reprovar, mas sim, compreender e promover, a cada momento, o desenvolvimento pleno de quem vivência um processo de aprendizagem.

No pensamento de Vasconcellos (1996), o processo de mudança da prática educacional envolve três aspectos a serem observados pelos professores: a dificuldade de alterar a prática, o papel da reflexão e a perspectiva de construção de uma práxis transformadora, destacando a questão da participação do professor como sujeito.

Na medida em que a ação avaliativa exerce uma função dialogada e interativa, ela promove os seres morais e intelectualmente, tornando-se críticos e participativos, inseridos no contato social e político. É necessário avaliarmos os alunos através da observação diária de seu desempenho, individual e em grupo que nos leva a acreditar que a avaliação é mais do que produção de conhecimento, é um ato político.

É importante destacar a confiança mútua entre educador e educando quanto às possibilidades de reorganização da ação educativa e do saber, transformando o ato avaliativo num momento de reflexão, descoberta e troca de conhecimentos e aprendizagem.

Mas atualmente as escolas trabalham com a avaliação classificatória, onde o que é levado em conta são as notas, e classificam os alunos segundo essas notas que lhe são atribuídas. Mas quando ocorre esse tipo de avaliação os alunos podem simplesmente estudar, ou seja, “decorar” o conteúdo e simplesmente tirar uma nota alta, onde o classificará como um bom aluno, embora não tenha desenvolvido nenhuma construção de conhecimento nesse processo. Apenas devolveu na prova aquilo que havia decorado.

Para Demo (2002),p.29:

(...) a prova representa situação, anômala, incomoda de forte pressão externa, sobretudo quando feita dentro dos rigores clássicos e sob a vigilância serrada. Se um aluno estiver mal na hora, está condenado; se esquecer o que decorou, pode tropeçar.



Na verdade, precisamos compreender que avaliação é apenas um diagnóstico para sabermos quais são as dificuldades dos nossos alunos, para então replanejarmos nossas aulas.

[...] Durante o ano letivo, as notas vão sendo observadas, médias vão sendo obtidas. O que predomina é a nota: não importa como elas são obtidas nem por quais caminhos. São operadas e manipuladas como se nada tivessem a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem (LUCKESI, 2005, p.18).

A avaliação deve ser utilizada em função da construção de uma aprendizagem bem sucedida. Ao invés de ser utilizada como um recurso de autoridade, que decide sobre o destino dos educandos, deve assumir o papel de auxiliar o crescimento. Também tem a função de propiciar a auto compreensão tanto do educando quanto do educador.

Para que a aprendizagem seja reconstrutiva não basta que o aluno domine em termos o conhecimento, mas que busque encontrar o caminho para a sua autonomia. Onde não interessa quanto conteúdo o aluno assimilou, mas de que forma ele irá usar o que aprendeu na sua vida cotidiana.

A idéia do “ensinar a pensar” ou do ensinar a “aprender a aprender” está associada aos esforços dos educadores em prover os meios de auto-sócio construção do conhecimento pelos alunos (LIBÂNEO, 2004, p.46).

Muitos alunos desenvolvem por si próprios, procedimentos alternativos de aprendizagem ou modos de pensar. Outros, no entanto, têm dificuldades de usar os conceitos, organizar ou reestruturar o pensamento, interpretar textos, adquirir métodos próprios de trabalho. Portanto, cabe ao educador conceber estratégias de ensino e o desenvolvimento de suas próprias competências de pensar e regular suas próprias atividades de aprendizagem.

### **3 . CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos concluir que a avaliação é um processo contínuo, participativo, com função diagnóstica e investigativa, cujas informações devem proporcionar o redimensionamento da ação pedagógica e educativa, no sentido de avançar no entendimento do processo de aprendizagem.

No processo de ensino-aprendizagem, o professor desempenha um papel fundamental, que é o de mediador da aprendizagem, ajudando os alunos no

processo de construção do conhecimento e de valores e a desenvolver suas habilidades e competência

O ato de avaliar por sua constituição, não se destina a um julgamento definitivo sobre alguma coisa ou situação. A avaliação se destina ao diagnóstico, de diagnosticar quais são as dificuldades do educando. Onde o mais importante não é discutir nota, conceitos, mais garantir de todas as maneiras o compromisso da aprendizagem adequada ao aluno.

Desse modo a avaliação classificatória favorece a repetência e, conseqüentemente, a evasão escolar, não garantindo a afetiva apreensão dos conhecimentos dos alunos aprovados, já que julga, classifica o desempenho dos alunos.

Já avaliação diagnóstica é contínua e se dá no dia-a-dia da sala de aula, permitindo que o professor faça intervenções privilegiando a aprendizagem dos alunos. Deste modo, é capaz de perceber o que o aluno pode fazer sozinho, de forma independente, e com a ajuda de outros colegas ou do professor.

Os educadores devem rever suas práticas avaliativas e através dos erros fazer com que ocorra o processo de construção do conhecimento dos educando. O educador poderia estar realizando uma avaliação diagnóstica onde a mesma constitui-se num processo de avançar no desenvolvimento e crescimento para a autonomia, onde leva os educando do crescimento para a competência.

O resgate do significado diagnóstico da avaliação, que propomos como um encaminhamento para a ultrapassagem do autoritarismo, de forma alguma quer significar menos rigor na prática da avaliação. Ao contrário para ser diagnóstica, a avaliação deverá ter o máximo possível de rigor no seu encaminhamento. Pois que os rigores técnicos e científicos no exercício da avaliação garantirão ao professor, no caso, um instrumento mais objetivo de tomada de decisão. Em função disso, sua ação poderá ser mais adequada e mais eficiente na perspectiva da transformação (LUCKESI, 2005, p.44).

## REFERÊNCIAS

BLOOM, B. S., HASTINGS, J.T., MADDAUS, G.F.A evolução da aprendizagem. Buenos Aires: Troquel, 1975.

DEMO, Pedro. ***Mitologias da avaliação: Como ignorar, em vez de enfrentar problemas.*** 2<sup>o</sup>ed. Campinas: editores associados, 2002.

HOFFMAN, Jussara. ***Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré- escola á universidade.*** 20<sup>o</sup> Ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

\_\_\_\_\_ **Avaliar para promover – as setas do caminho.**  
Porto Alegre:

Mediação, 2001.

\_\_\_\_\_ **Mito & Desafio: uma perspectiva construtivista.** 37<sup>o</sup>  
ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, Adeus professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente.** 8<sup>o</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação da aprendizagem escolar.** 16<sup>o</sup>  
ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MÉNDEZ, Juan Manuel Alvarez. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

MIRAS, M. SOLÉ, I. **A evolução da aprendizagem e a evolução do processo de ensino e aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação da aprendizagem – entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999

VASCONCELOS, C. dos S. **Plano de ensino – Aprendizagem.** Convívio,  
n<sup>o</sup>. 1, fev., 1996.